

**QUANDO UM FANTASMA VISITA A MATERNIDADE: A  
EXPERIÊNCIA DE UMA ESTAGIÁRIA DE PSICOLOGIA****WHEN A GHOST VISITS MOTHERHOOD: THE EXPERIENCE OF A  
PSYCHOLOGY INTERN****CUANDO UN FANTASMA VISITA LA MATERNIDAD: LA  
EXPERIENCIA DE UN INTERNO DE PSICOLOGÍA**

Gisele Cerqueira Santos<sup>1</sup>  
Camilla Bastos Carneiro<sup>2</sup>  
Barbara Eleonora Bezerra Cabral<sup>3</sup>

**RESUMO**

A maternidade é uma construção que se aprofunda após o nascimento do bebê. Contudo, acontecimentos podem atravessar essa experiência, surpreendendo e mobilizando intensamente a mulher, como a perda da criança. O presente trabalho visa discutir o processo formativo de uma psicóloga em formação e compreender as situações relativas à perda perinatal e a atuação da Psicologia, a partir da imersão de uma estudante de psicologia via estágio profissionalizante em um hospital-maternidade do Nordeste do Brasil ao longo de dois semestres letivos. Trata-se, portanto, de um relato de experiência, tecido pela revisitação de diários cartográficos produzidos pela estagiária de Psicologia. Durante os encontros com mães que atravessaram a situação de perda do bebê, foi possível perceber o quanto esse momento formativo foi potente na experiência de tornar-se psicóloga. Por meio dos atendimentos, evidenciou-se que a perda perinatal se configura como um evento significativo na vida das mulheres e familiares, sendo tal acontecimento enfrentado de modo mais sereno quando se pode contar com suporte de pessoas significativas e atenção psicológica.

**Palavras-chave:** Experiência; Formação Profissional; Perda Perinatal.

**ABSTRACT**

---

<sup>1</sup> Graduada em Psicologia. Mestranda em Psicologia. Universidade Federal do Vale do São Francisco – UNIVASF. E-mail para contato: [giselesantos.cerqueira@gmail.com](mailto:giselesantos.cerqueira@gmail.com).

<sup>2</sup> Graduada em Psicologia pela Universidade Federal do Vale do São Francisco – UNIVASF. Psicóloga do Hospital Dom Malan/Gestão IMIP Hospitalar. Psicóloga da Casa de Justiça e Cidadania da Comarca de Petrolina – TJPE.

<sup>3</sup> Doutora em Psicologia pela UFES. Mestre em Psicologia Clínica pela UNICAP. Docente da Universidade Federal do Vale do São Francisco – UNIVASF. Graduada em Psicologia pela UFPE.

Motherhood is a construction that deepens after the birth of the baby. However, events can go through this experience, surprising and mobilizing intensely the woman, such as the loss of the child. The present work aims to discuss the formative process of the psychologist in training and understand the situations related to perinatal loss and the performance of Psychology, from the immersion of a psychology student via professional internship in a maternity hospital in northeastern Brazil over two semesters of school. It is, therefore, a report of experience woven by the revisitation of cartographic diaries produced by the psychology intern. During the meetings with mothers who went through the situation of loss of the baby, it was possible to realize how powerful this formative moment was in the experience of becoming a psychologist. Through the visits, it was evidenced that perinatal loss is a significant event in the lives of women and family members, such an event is more serene when one can count on the support of significant people and psychological attention.

**Keywords:** Experience; Professional Training; Perinatal Loss.

### **RESUMEN**

La maternidad es una construcción que se profundiza después del nacimiento del bebé. Sin embargo, los acontecimientos pueden pasar por esta experiencia, sorprendiendo y movilizándolo intensamente a la mujer, como la pérdida del hijo. El presente trabajo tiene como objetivo discutir el proceso formativo del psicólogo en formación y comprender las situaciones relacionadas con la pérdida perinatal y la acción de la Psicología, a partir de la inmersión de un estudiante de psicología a través de una pasantía profesional en una maternidad del Nordeste de Brasil durante dos semestres. Se trata, por tanto, de un informe de la experiencia tejida por la revisión de las revistas cartográficas producidas por la pasante de Psicología. Durante los encuentros con las madres que pasaron por la situación de pérdida del bebé, fue posible darse cuenta de lo poderoso que fue este momento formativo en la experiencia de convertirse en psicólogo. A través de los cuidados, se evidenció que la pérdida perinatal se configura como un acontecimiento significativo en la vida de las mujeres y los miembros de la familia, siendo este acontecimiento enfrentado de manera más serena cuando se puede contar con el apoyo de personas significativas y con atención psicológica.

**Palabras clave:** Experiencia; Formación Profesional; Pérdida Perinatal.

### **INTRODUÇÃO**

A psicologia surge no Brasil enquanto prática destinada à burguesia, sendo o consultório um dos principais espaços de atuação dos psicólogos (BOCK, 2010). Com a inserção da psicologia no campo hospitalar, inicialmente se reproduzia a prática clínica nos moldes do consultório. Contudo, com o passar do tempo, o hospital passa por modificações que vão interferir no exercício do psicólogo, sendo a atuação em equipe uma experiência que proporciona um despertar para uma práxis mais ampla.

O presente trabalho surge a partir da experiência de uma estagiária de Psicologia imersa em um contexto hospitalar que atendia as demandas relativas à saúde da mulher e da criança. Ao longo do corrente texto serão enfatizadas as afetações vivenciadas a partir do encontro com diferentes mulheres que experienciaram a significativa mobilização emocional devido à perda da criança esperada. A relevância de tal discussão se respalda em estudos que indicam a intensidade do luto perinatal na vida das pessoas que se encontram diante dessa ocorrência, pela produção de sofrimento relacionada a tal evento e por conta da pouca produção científica por parte da psicologia relativa à perda perinatal. (LEMOS; CUNHA, 2015; IACONELLI, 2007; MUZA; SOUZA; ARRAIS; IACONELLI, 2013; AGUIAR; ZORNING, 2016; FREITAS, 2013).

Com relação a maternidade, ela é definida como uma construção, iniciando-se desde a gestação, continuando seu curso durante o período pós-parto e prolongando-se após o nascimento da criança (CUNHA; SANTOS; GONÇALVES, 2012). É importante destacar que a sociedade, de maneira geral, tem uma perspectiva naturalizada da maternidade, quase instintiva e inerente à condição de ser mulher. Contudo, diversos estudos indicam que a maternidade se constrói na interação diária com a criança, sendo tal construção circunscrita por diversos aspectos (ARRAIS; MOURÃO; FRAGALLE; 2014; LEMOS; CUNHA, 2015). Assim, intercorrências podem atravessar a vivência da maternidade, como a perda da criança, demandando uma lida com uma situação não esperada.

A gestação, além de ser um evento fisiológico, envolve alterações dinâmicas em diferentes esferas, como a psicológica, emocional, social e física. É importante ressaltar que durante a gravidez podem surgir complicações que ocasionam riscos tanto para a mulher quanto para o feto (BRASIL, 2012). Pretende-se abordar as situações de perda vivenciadas pelas mulheres cuja gestação, em algum momento, se tornou de risco, tendo em vista que o local de prática da estudante era um hospital de referência para os casos de gestação de alto risco e que atendia os casos relativos a saúde da mulher e da criança.

É necessário destacar que o ciclo gravídico puerperal precisa ser visto também como um momento repleto de perdas. A mulher passa a expandir a ocupação de papéis sociais, assumindo uma pluralidade (SILVA SOUZA; SOUZA; RODRIGUES, 2013). Além disso,

existem modificações de ordem física e psicoemocional, que fazem com que a mulher se questione sobre a perda da sua individualidade e até mesmo autonomia durante a vivência da gestação e do puerpério.

É importante destacar que a morbimortalidade materna e a perinatal no Brasil continuam ocupando índices elevados, que não são compatíveis com o atual nível de desenvolvimento social e econômico do país (BRASIL, 2012). Iaconelli (2007) indica que o óbito perinatal pode ser definido por ocorrência de morte em momentos diferentes, como óbito fetal (o feto morre ainda no útero), natimorto (na hora do nascimento o bebê nasce morto) e a morte neonatal (quando o bebê morre após alguns dias de nascido). Destaca-se que desde que a família é comunicada do óbito, as pessoas começam a enfrentar intensas alterações e têm diferentes reações quanto ao momento experienciado (MUZA; SOUZA; ARRAIS; IACONELLI, 2013).

Quando a morte invade a maternidade se estabelece um processo de quebra de expectativas, já que esse contexto é reconhecido como um lugar em que a vida se inicia. Com isso, as mães e pais precisarão se reestruturar diante dessa nova realidade, pois a representação do bebê que não nasceu vivo ou morreu após o nascimento, pode ser uma experiência de elaboração muito dificultosa. A morte de um filho é considerada uma das vivências mais intensas a atravessar a existência humana (AGUIAR; ZORNING, 2016).

O luto perinatal é pouco abordado justamente devido ao “não lugar” (grifo da autora) que ele ocupa na sociedade. Ao se deparar com uma situação que envolva a morte e o morrer, questões existenciais emergem, como a transitoriedade da vida, o sofrimento, a angústia e, exatamente por isso, são temas evitados e aparentam ser até mesmo proibidos na sociedade (GOMES; SOUSA, 2017).

Na atualidade, evita-se a reflexão sobre a finitude, ainda que esta seja uma marca da vida. O não reconhecimento da perda perinatal e do luto vivenciado por pessoas que cercam essas famílias enlutadas acaba desencadeando em uma ocultação e velamento do ocorrido. Uma atitude silenciosa da rede que cerca as mães e pais que perderam seu bebê pode fazer com que a morte do bebê pareça irreal. (FREITAS, 2013; AGUIAR; ZORNING, 2016).

Dessa forma, nos casos de perda perinatal, o profissional de psicologia pode atuar a partir de práticas que viabilizem a expressão do luto, apoiando mães, pais e familiares a se

apropriarem do momento que estão vivenciando, de modo que, após algum tempo, consigam falar sobre o ocorrido e ressignificar sentidos diante de um novo modo de vida. O acolhimento das mães e pais é fundamental para que atuem como protagonistas nas decisões e procedimentos necessários. A intervenção psicológica, em certa medida, é preventiva, no sentido de auxiliar as pessoas envolvidas com a perda na elaboração do luto e na construção de novas possibilidades, de modo a se reestruturarem psiquicamente (RIOS; SANTOS; DELL'AGLIO 2016; FREITAS, 2018; MUZA *et al.*, 2013).

## **MÉTODO**

O presente estudo se constitui a partir da experiência de uma estudante de Psicologia, imersa em um hospital que é um serviço que atende as demandas de saúde da mulher e da criança, sendo instituição de referência na região para o recebimento de casos de gestação de alto risco, atendendo 53 municípios. O serviço se localiza na cidade de Petrolina-PE. A vivência se vincula às disciplinas de estágio profissionalizante I e II, do curso de Psicologia da Universidade Federal do Vale do São Francisco/UNIVASF, nos semestres letivos 2018.1 e 2018.2 entre os meses de junho a janeiro, aos quais compreendem o ano de 2018 e 2019.

As fontes de sua produção foram os diários cartográficos, elaborados ao longo da imersão em campo, que funcionaram como um instrumento potente para dar vazão às afet(ações) vivenciadas no estágio por meio dos atendimentos psicológicos individuais realizados a mulheres que vivenciavam o luto pela perda do feto ou neonato e que se encontravam hospitalizadas nos setores: UTI Obstétrica e Ginecologia. Ao longo da experiência de estágio foram mais de 10 mulheres atendidas, tendo aproximadamente entre 18 a 40 anos de idade e pertencentes a camadas sociais mais populares. Os atendimentos foram realizados a partir da busca ativa no serviço, bem como por solicitação de interconsulta por parte dos demais profissionais da equipe multidisciplinar.

Por meio da perspectiva cartográfica, experimentada como método, mergulha-se na experiência em campo, valorizando o caminho, registrando e atentando aos passos e aos efeitos dessa relação com o cenário, na perspectiva de compreender o que é vivido, por uma reflexão permanente. Escrever em forma de diário é um processo criativo e artesanal, que valoriza a

criatividade, além de ser um recurso que facilita e instiga o contato e revisitação das afetações advindas dos encontros com os diversos atores cujos caminhos se cruzaram nesse processo (FLORES; SOUZA, 2014).

Portanto, os resultados partem dos diários elaborados referentes às reverber(ações) vivenciadas pela estagiária nos atendimentos às mulheres que estavam internadas e vivenciavam uma das situações mais terríveis de suas vidas que é a perda de suas crianças.

## **RESULTADOS**

Durante os encontros experienciados com as mulheres que vivenciaram a perda, foi possível perceber que os momentos eram marcados por dor, mobilização emocional, desespero, culpa, desejo de evasão quando havia necessidade da mulher permanecer hospitalizada devido intercorrências no seu quadro clínico, falta de perspectiva quanto ao futuro, angústia e sentimento de impotência.

Além disso, é importante destacar que durante os atendimentos às mulheres, o apoio afetivo-familiar foi visto como um fator positivo no enfrentamento da perda perinatal e percebeu-se que a ausência de uma rede de apoio acaba sendo um fator frustrante e angustiante para a enlutada. O suporte profissional da equipe interdisciplinar composta por assistentes sociais, médicas, enfermeiras, psicólogas, técnicas de enfermagem, fisioterapeutas e nutricionistas quando pautados no acolhimento e escuta qualificada também foi vislumbrado como importante e necessário em todo processo de perda de um filho.

## **DISCUSSÃO**

A partir dos atendimentos realizados, observou-se que a experiência da perda de uma criança apresentou-se como uma vivência difícil de ser encarada e narrada, pois acaba rompendo com o que se espera do curso da vida. Isso facilita o desencadeamento de rupturas de planejamentos, sonhos, expectativas que geralmente estão sendo depositadas no bebê que está prestes a vir ao mundo (SOUZA; MUZA; ARRAIS, 2011).

Os encontros demandaram atitude de abertura e disponibilidade por parte da estagiária que a cada momento em relação com essas mulheres teve a oportunidade de aprender a partir

de cada ocasião, sendo estas experiências proporcionadoras de marcas no seu percurso enquanto psicóloga em formação. Escutar o que era dito pelas mulheres a partir de cada narrativa e história de vida, por meios dos atendimentos psicológicos, foi um exercício ampliador de horizontes compreensivos e de revelação da singularidade da experiência de maternidade interrompida.

No encontro com as mães que vivenciaram a situação de perda perinatal percebeu-se que os atendimentos eram bem intensos e por vezes as mulheres ainda precisavam permanecer no serviço devido algum quadro clínico e está permanência se tornava dificultosa: *“Foi um atendimento bem intenso, pois a puérpera estava vivenciando o luto perinatal, apresentando-se bem fragilizada emocionalmente ...”* (Fragmento de diário).

A perda de um bebê em qualquer momento pode atuar enquanto um “fantasma” na vida das mães e familiares que passam por essa vivência, pois estes são colocados diante da frustração dos desejos, idealizações e fantasias e caem em uma realidade desesperadora e inevitável. É válido compreender que o reconhecimento social deste evento é vivenciado a partir dos rituais fúnebres realizados, porém, às vezes a mãe não participa dos mesmos, por seguir hospitalizada. Este momento acaba sendo muito doloroso para a mulher, tendo em vista a impossibilidade de envolver-se nos rituais e a dificuldade social em validar o seu luto (MUZA *et al.*, 2013).

É importante destacar que a morte de um bebê antes do nascimento, pode representar para os genitores um acontecimento traumatizante, lembrado e temido em uma próxima gestação. O momento do óbito perinatal é repleto de reações de choque e negação, juntamente com alterações no estado de humor, sendo mais frequente humor rebaixado ou reprimido, autoestima baixa e medo de vivenciar novas situações de perda (LEMOS; CUNHA, 2015). Essa mistura de sentimentos e sensações após a morte de um filho foi vista a partir dos atendimentos realizados a duas puérperas que experimentaram a perda do seu bebê: *“Ontem mulheres perderam seus bebês, pude ver essas puérperas dilaceradas pela dor ... foi bem difícil.”* (Fragmento de diário).

É válido destacar que o sentimento de culpa pode se fazer presente na vida das mães, não importa a idade que a perda ocorra. Além disso, a sociedade percebe a mãe na atualidade

como aquela que tem a função de responsabilizar-se sozinha pela vida do filho. No entanto, existem situações que escapam da capacidade de proteção e cuidado materno, mas por conta dessa cobrança social a mulher pode ter dificuldade de racionalizar as situações que envolveram o óbito do seu filho e lançar-se à culpa (FREITAS, 2014).

Nos casos de óbito de um filho são reconhecidos sentimentos de culpabilização de si mesmas por parte das mães, havendo uma necessidade de compreensão do acontecimento e das possíveis causas. Logo, a perda fetal ou de um neonato quando permanece no campo do desconhecido, a ausência de informações acaba sendo um fator que fragiliza a mulher, facilitando assim o surgimento de dificuldades de lidar com a ocorrência e fazendo com que elas busquem explicações que deem algum sentido ao óbito do seu filho (DUARTE; TURATO, 2009).

Com isso, faz-se necessário perceber que o luto é uma reação do indivíduo frente a situações de perdas significativas, é um momento marcado por transformações abruptas nas formas do ser se relacionar com os demais seres existenciais, havendo deste modo uma necessidade de ressignificar o mundo-da-vida em que se está inserido. Com isso, a perda de uma pessoa querida está para além de uma experiência dura e repleta de sofrimento, mas ela coloca a pessoa em confronto com a sua própria finitude (FREITAS, 2013).

Quando o sujeito se depara diante da morte de uma pessoa significativa para ele, há a presença de uma sensação de confusão e falta de perspectivas. O modo de relacionar-se com a vida sofre abalos frente a ausência do outro (FREITAS, 2014). Diante dos atendimentos realizados nos casos de óbito perinatal, foi possível ampliar o olhar para como o fenômeno da morte se apresenta na vida das mulheres que tem a maternidade interrompida e refletir sobre a importância do acolhimento para a vivência do luto:

*“...percebi que não existem técnicas elaboradas que imponham como deve ser um atendimento psicológico em situação de óbito perinatal, pois a chave de tudo é o acolhimento, é estar presente para o outro e com o outro, isso escapa ao lattes.”* (Fragmento de diário).

Ao vivenciar uma relação significativa com alguém, esta é sujeita a experiência do pesar, pois não há controle sobre a morte. No entanto, este momento pode ser vivenciado de maneiras distintas devido à relação que era estabelecida com a pessoa a qual se perde (FREITAS, 2013). O luto não é o apagamento da situação de perda, mas um período que ajuda na elaboração e vivência da situação aflitiva sentida, incorporando este momento a sua vida de modo que o indivíduo constrói uma outra relação com a pessoa perdida para assim continuar seguindo a sua vida (LEMOS; CUNHA, 2015).

É importante destacar que as pessoas enlutadas precisam ter garantido o acesso a escuta. A oferta da escuta é um recurso de extrema importância na atenção a mulheres que vivenciaram a experiência de perder seus bebês, pois este pode ser um espaço para que haja a expressão de sentimentos relativos ao processo de luto, auxiliando assim no enfrentamento da situação e reorganização da vida diante desta ocorrência (AMTHAUER *et al.*, 2012).

É considerável ainda o fato de que muitas vezes parece não haver sensibilidade por parte dos profissionais de saúde. No estudo desenvolvido por Pereira *e cols.*, (2018), com quinze mulheres que vivenciaram a perda de um filho, a partir dos relatos das mulheres percebeu-se que os profissionais apresentaram dificuldades em realizar a comunicação do óbito do filho para a mulher, bem como informações relativas a intercorrências na saúde dos bebês. Essas condutas podem impactar a vivência do luto e ser um fator atualizante da dor sofrida pelas mães que perderam os seus filhos.

Além disso, é necessário que os profissionais de Psicologia que atuam nos contextos das maternidades adotem práticas que visem o cuidado dos familiares, reconhecendo a importância de prevenir traumas futuros, desenvolvimento de luto patológico e gestações reparadoras, reconhecendo assim que a perda de um filho vai ser quase sempre uma experiência marcante na vida da mulher, principalmente quando a gestação havia sido planejada e desejada (SOUZA; MUZA; ARRAIS, 2011). A relevância do apoio familiar para o enfrentamento da situação experienciada apareceu em um diário da estagiária: “...apesar da dificuldade no enfrentamento da situação experienciada, o suporte afetivo de familiares, além da atenção da equipe profissional, são recursos importantes.” (Fragmento de diário).

Com relação ao papel da equipe de saúde que acompanha essas famílias, é importante que estes oportunizem a despedida do bebê, pois este é um processo importante para que as mães e os pais possam começar a reconhecer a perda do filho e assim poder vivenciar o luto. Ações como nomear a criança, decidir ter contato com ela ou não após o óbito, reconhecimento das lembranças possíveis, são estratégias que em alguma medida auxiliaram as figuras parentais no enfrentamento da perda experienciada (SOUZA; MUZA; ARRAIS, 2011).

Com isso, é importante compreender que os profissionais de saúde envolvidos no cuidado às famílias que vivenciam as situações de perda perinatal, podem propor momentos de encontro e contato destas pessoas com os bebês, respeitando sempre o desejo das mães e pais, para que eles consigam ir se apropriando da situação vivenciada (SOUZA; MUZA; ARRAIS, 2011). Com isso, o trabalho interdisciplinar é fundamental para a oferta de um cuidado integrado:

*“Percebo que é de extrema importância o acolhimento, a atenção e o cuidado de todos os profissionais de saúde que cruzam o caminho de cada uma dessas usuárias. Insisto batendo na tecla de que para ouvir o outro é preciso despir-se, colocar-se disponível, ou seja, requer a ação, o movimento do profissional em direção a algo, independentemente de ser psicólogo ou não, porque acolher e ouvir são ações que TODOS os profissionais de saúde podem se dispor a fazer...” (Fragmento de diário).*

Como proposta para melhorar a atenção prestada às mulheres que vivenciam a perda do seu filho nos hospitais maternidade, sugere-se a qualificação de todos os profissionais da equipe para o acolhimento as essas demandas, além do estabelecimento de uma ponte com a Atenção Básica para a formação de grupos de apoio a familiares enlutados pela perda de um bebê. Esta intervenção pode atuar enquanto recurso de enfrentamento, pois a perda perinatal pode ser uma das experiências mais avassaladoras vivenciadas por uma família, principalmente quando não se oferta espaços de escuta a estas pessoas e quando não se dispõe de apoio social e profissional (multiprofissional).

Diante disso, é necessário que as maternidades promovam atenção e cuidado adequado, humanizado e holístico a essas mulheres e familiares (MUZA *et al.*, 2013; LEMOS; CUNHA,

2015). A assistência humanizada deve ser ampliada para além do acolhimento das demandas físicas decorrentes de procedimentos médicos realizados, mas deve ser presente também o acolhimento dos atravessamentos emocionais, psicológicos e sociais que vão influenciar diretamente na vivência do luto (LEMOS; CUNHA, 2015). Ressaltando assim a importância do acompanhamento multiprofissional para a manutenção da qualidade da integralidade do cuidado.

A partir dos encontros com as mulheres, familiares/acompanhantes e profissionais que transitam no contexto hospitalar, a estagiária pode traçar um percurso formativo que permitiu a ampliação do saber. Reconhecendo as afetações singulares, que propiciam reverberações importantes no processo de tornar-se psicóloga. Além disso, a proposta de estágio da qual fez parte era pautada em um caráter político que permitiu a aproximação do processo formativo da psicóloga com os princípios e diretrizes das políticas referentes à Saúde Pública, estimulando a capacidade crítica dos estudantes, o que se configura como algo desafiador (CABRAL, 2015).

## CONCLUSÃO

A escuta de mulheres que vivenciavam a perda perinatal foi uma oportunidade de refletir bastante acerca do percurso acadêmico da psicóloga em formação. A partir disso, foi possível compreender o quanto o estudo teórico disparado por demandas que surgem na prática é ferramenta potente no processo de aprendizagem. Trata-se de uma perspectiva outra de articulação teórico-prática, em que os desafios da experiência guiam e tornam mais significativo o processo de aprendizagem.

Além disso, a oportunidade de integrar uma equipe multiprofissional durante a vivência do estágio foi muito importante, pois pode auxiliar na construção de olhar integral para as pessoas que buscaram o serviço psicológico, sendo uma experiência que poderia ser mais frequente na trajetória dos estudantes nos anos finais do curso. A formação do profissional de psicologia precisa ser crítica, plural, generalista, estimulando a pesquisa, despertando e proporcionando meios para que discentes façam uso da sua criatividade, além de estar atrelada

à realidade social brasileira e ser interdisciplinar, desenvolvendo habilidades para a interlocução com outras áreas de saber (BOCK, 2007).

O presente estudo proporcionou ainda, acesso a experiência do vivido destas mulheres, sendo uma vivência marcada pela reflexão, inquietação, desalojamentos e tensionamentos. Percebeu-se a necessidade da atenção interdisciplinar nas situações referentes à perda perinatal. Logo, o trabalho em equipe multiprofissional precisa se tornar prioridade para que se possa oferecer um cuidado integral às mulheres e familiares, pois a empatia, a escuta e o acolhimento devem estar presentes na prática de todos os profissionais de saúde e não apenas no fazer da Psicologia. O que evidencia a importância de os cursos de graduação em saúde trabalharem questões como a morte, o morrer e o atendimento a pessoas enlutadas, pois muitas vezes isso é negligenciado durante a formação, então por vezes quando o profissional se depara com a realidade acaba tendo dificuldade realizar um atendimento acolhedor.

Em suma, a atuação do profissional de psicologia nos casos de perdas perinatais é de extrema relevância. A prática do psicólogo pode acontecer como um recurso de cuidado interventivo e por vezes preventivo. Nesse sentido, a experiência do estágio acadêmico supervisionado em um contexto de hospital maternidade pode ser considerada uma prática extremamente importante e ampliadora no processo formativo do profissional de Psicologia.

## REFERÊNCIAS

AGUIAR, H. C.; ZORNIG, S. Luto fetal: a interrupção de uma promessa. **Estilos clin.**, v. 21, n. 2, p. 264-281, 2016. Disponível em:

[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1415-71282016000200001&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71282016000200001&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 15 dez. 2020.

AMTHAUER, C. *et al.* Práticas assistenciais na perda gestacional: vozes de profissionais de saúde da família. **Ciênc. cuid. saúde**, v. 11, n. 1, p. 81-88, 2012.

ARRAIS, A. da R.; MOURAO, M. A.; FRAGALLE, B. O pré-natal psicológico como programa de prevenção à depressão pós-parto. **Saúde soc.**, v. 23, n. 1, p. 251-264, 2014.

Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-12902014000100251&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12902014000100251&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 15 dez. 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **Gestação de Alto Risco: Manual Técnico**. Brasília: Ministério da Saúde, 2012.

BOCK, A. M. B. Formação do psicólogo: um debate a partir do significado do fenômeno psicológico. **Psicol. cienc. prof.**, v.17, n. 2, p. 37-42, 2007. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-98931997000200006](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98931997000200006). Acesso em: 15 dez. 2020.

CABRAL, B. E. B. Práticas Psicológicas na Rede-SUS e Estágio Profissionalizante: (Trans) Formação como Desafio. **Rev. Psicol.**, v. 1, n. 2, p. 24 - 48, 2015. Disponível em: [www.ayvu.uff.br/index.php/AYVU/article/view/26](http://www.ayvu.uff.br/index.php/AYVU/article/view/26). Acesso em: 15 dez. 2020.

CUNHA, A. C. B.; SANTOS, C.; GONCALVES, R. M. Concepções sobre maternidade, parto e amamentação em grupo de gestantes. **Arq. bras. psicol.**, Rio de Janeiro, v. 64, n. 1, p. 139-155, 2012. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-52672012000100011&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672012000100011&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 15 dez. 2020.

DUARTE, C. A. M.; TURATO, E. R. Sentimentos presentes nas mulheres diante da perda fetal: uma revisão. **Psicol. estud.**, v. 14, n. 3, pág. 485-490, 2009. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-73722009000300009&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722009000300009&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 15 dez. 2020.

FREITAS, J. de L. Luto e fenomenologia: uma proposta compreensiva. **Rev. abordagem gestalt.**, Goiânia, v. 19, n. 1, p. 97-105, 2013. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-68672013000100013&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672013000100013&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 15 dez. 2020.

FREITAS, J. de L. Luto, pathos e clínica: uma leitura fenomenológica. **Psicol. USP**, São Paulo, v. 29, n. 1, pág. 50-57, 2018. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-65642018000100050&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642018000100050&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 15 dez. 2020.

FLORES, E. T. L.; SOUZA, D. O. G. de. O uso do diário como dispositivo cartográfico na formação em Odontologia. **Interface**, v. 18, n. 48, pág. 197-210, 2014. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-32832014000100197&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832014000100197&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 15 dez. 2020.

GOMES, D. M.; SOUSA, A. M. A morte sob o olhar fenomenológico: uma revisão integrativa. **Rev. NUFEN**, v. 9, n. 3, p. 164-176, 2017. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2175-25912017000300014&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912017000300014&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 15 dez. 2020.

IACONELLI, V. Luto insólito, desmentido e trauma: clínica psicanalítica com mães de bebês. **Rev. latinoam. psicopatol. fundam.**, v. 10, n. 4, p. 614-623, 2007. Disponível em:

[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1415-47142007000400004&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-47142007000400004&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 15 dez. 2020.

LEMOS, L. F. S.; CUNHA, A. C. B. Concepções Sobre Morte e Luto: Experiência Feminina Sobre a Perda Gestacional. **Psicol. cienc. prof.**, v. 35, n. 4, p. 1120-1138, 2015. Acesso em:

15 dez. 2020. [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-98932015000401120&lng=es&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932015000401120&lng=es&nrm=iso). Acesso em: 15 dez. 2020.

MUZA, J.C. *et al.* Quando a morte visita a maternidade: atenção psicológica durante a perda perinatal. **Psicol. teor. prat.**, v. 15, n. 3, p. 34-48, 2013. Disponível em:

[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1516-36872013000300003&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872013000300003&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 15 dez. 2020.

PEREIRA, M. U. L. *et al.* Comunicação da notícia de morte e suporte ao luto de mulheres que perderam filhos recém-nascidos. **Rev. paul. pediatr.**, v. 36, n. 4, p. 422-427, 2018.

Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-05822018000400422&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-05822018000400422&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 15 dez. 2020.

RIOS, T. S.; SANTOS, C. S. S.; DELL'AGLIO, D. D. Elaboração do Processo de Luto Após uma Perda Fetal: Relato de Experiência. **Revista de Psicologia da IMED**, v. 8, n.1, p. 98-

107, 2016. Disponível em: <https://seer.imed.edu.br>. Acesso em: 15 dez. 2020.

SILVA SOUZA, B. M.; SOUZA, S. F.; SANTOS RODRIGUES, R. T. O puerpério e a mulher contemporânea: uma investigação sobre a vivência e os impactos da perda da autonomia. **Rev. SBPH**, v. 16, n. 1, p. 166-184, 2013. Disponível em:

[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1516-08582013000100010&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-08582013000100010&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 15 dez. 2020.

SOUZA, E. N.; MUZA, F. C.; ARRAIS, A. da R. **Quando a morte visita a maternidade:** papel do psicólogo hospitalar no atendimento ao luto perinatal. 2011. 27p. Trabalho de

Conclusão de Curso (Especialização em Psicologia Hospitalar e da Saúde) – Universidade Católica de Brasília. 2011. Disponível em: <https://repositorio.ucb.br/jspui/handle/10869/869>. Acesso em: 15 dez. 2020.

**Artigo recebido em** 04 de março de 2021.

**Artigo aprovado em** 15 de dezembro de 2021.